

“OPULÊNCIA E (IN)SALUBRIDADE”: Nas Entrelinhas da Cidade do Couro e da Batina.¹

"OPULENCE and (IN) HEALTH": In the City's Leading Leather and Batina

*Daniel dos Santos Carneiro*²

Resumo

O presente artigo propõe-se a analisar a modernidade instaurada em Sobral a partir dos ciclos econômicos gado-algodão, bem como apresentar os acontecimentos, paralelos como as secas recorrentes, a insalubridade, o processo de higienização e seus impactos nas transformações do espaço urbano. Os jornais a Lucta e Correio da Semana são usados como fontes, permitindo assim estabelecer as relações entre os discursos de poder, industrialização, elitização/ marginalização e segmentação dos espaços e classes. Ambos os jornais são de cunhos distintos, proporcionando uma visão dinâmica na forma de abordagem e compreensão da modernidade e suas fragilidades na cidade de Sobral

Palavras- Chave: Modernidade; higienização; insalubridade; secas; doenças.

Abstract

This article proposes to examine modernity brought in Sobral from the cattle-cotton cycle, as well as present events, parallel to the recurring droughts, poor health, the process of cleaning and its impact on transformations of urban space. The newspapers Lucta and Mail of the Week are used as sources, thus establishing the relationships between the discourses of power, industrialization, elitism / marginalization and segmentation of space and classes. Both newspapers are separate dies, providing a dynamic view on how to approach and understanding of modernity and its problems in the city of Sobral.

Keywords: Modernity, hygiene, unsanitary, droughts, diseases

¹ Artigo apresentado ao curso de História, como requisito à obtenção de título de licenciatura Plena em História.

² Graduando em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – Uva
Email: dansantoscarneiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O advento da modernidade fez surgir, de forma voraz, bruscas transformações nos meios econômicos, sociais e mentais. Desta forma, esta pesquisa propõe-se a discorrer sobre os impactos ocorridos entre o fim do séc. XIX e início do sec. XX na cidade de Sobral a partir do advento do ciclo econômico do algodão, onde se deu o impulso da economia, modernidade e ícones de poder. Compreendendo assim as transformações sociais e fragilidades de uma cidade que se impunha como um espaço moderno, em que se busca nivelar aos grandes centros irradiadores da modernidade, progresso e civilidade.

A intenção desta pesquisa é discorrer sobre o outro lado do processo de modernização da cidade e apresentar as fragilidades do processo de limpeza e embelezamento instaurados na cidade de Sobral, discorrendo sobre as relações de fragilidade e poder, resistências e resignificados, o que conseqüentemente gera transformações atreladas às fatalidades como epidemias, intempéries climáticas, e medidas de higienização.

Entende-se nesta pesquisa que a Santa Casa de Misericórdia de Sobral aparece como um ícone de medida salubre e moderna, o que nos faz entendê-la como o clímax da limpeza urbana. Nesse sentido, compreende-se a formação do espaço urbano da cidade de Sobral a partir da análise das relações entre insalubridade e modernização.

Desta forma, não somente Sobral, mas as principais cidades modernas, a exemplo do Rio de Janeiro e Paris, por sua vez, eram alvos de surtos recorrentes de pestes, moradias insalubres, e da mesma forma, também iniciaram seus processos de limpeza, embelezamento e higienização. Sendo estas apresentadas na pesquisa como uma referência, e em particular referenciais para a cidade de Sobral.

2. UTOPIA E MODERNIDADE.

Um, dois ou dez! Não se sabe especificamente quantos o recente moderno e cidadão homem poderia ser ou representar. Ele deveria estar em vários locais, na confusão das ruas, no anonimato da urbe, ou no vazio deixado pela sede do novo, do moderno, que esmaga os ritos, o tempo e as relações pessoais, reduzindo a vida e disciplinando o homem e seus costumes para o trabalho, formando assim uma sociedade mergulhada na voracidade das transformações urbanas, sociais e mentais.

Os novos bulevares permitiam ao tráfico fluir pelo centro da cidade em mover-se em linha reta de um extremo ao outro. [...], além disso, eles eliminariam as habitações miseráveis e abririam “espaços livres” [...] estimulariam uma tremenda expansão de negócios locais, [...] por fim criariam longos e largos corredores através dos quais as artilharias poderiam se mover.³

A partir do trecho citado, entendemos que as recentes classes sociais divididas entre burgueses e proletários, passavam por constantes contratemplos. A locomoção era um grande problema uma vez que ainda não havia se regulamentado o exercício do trabalho na indústria e tão pouco um planejamento para tais transformações urbanas e trabalhistas.

Se por um lado a cidade passou a contar com largos corredores para o tráfego de carros e artilharias. Por outro, os corredores não serviam para os pedestres, que se perdiam em meio à confusão no trânsito. Desta forma, entende-se que além da ausência de estrutura urbana, a mobilidade também era um grande problema que acometia a sociedade moderna, e seus problemas iam além da expansão indiscriminada de moradias insalubres que despontavam tanto nas periferias como lado a lado com o glamour:

³ BERMAN Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar:** a Aventura da Modernidade/ Marshall Bermans; Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Loriatti – São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P.171

Ao lado do brilho os detritos: as ruínas de uma dúzia de velhos bairros os mais escuros, mais densos, mais deteriorados e mais assustadores bairros da cidade, lar de dezenas de milhares de parisienses – se amontoavam no chão. Para onde iria essa gente?⁴

A ausência de rede de água, esgoto e ventilação, dentre outros, tornaram-se fatores determinantes para o surgimento de moléstias que atacavam principalmente as pessoas provenientes da migração do campo para a cidade e conseqüentemente como forma de combate a esta pratica iniciava-se paralelamente o processo de estruturação/higienização.

Paris era o centro radiante e referencial de modernidade, lá as coisas aconteciam primeiro, lá a vida noturna era impulsionada pela modernidade, pelo anonimato, pelo novo. Suas glórias e suas misérias se confundiam, ansiedade e a confusão são adventos da modernidade, assim como as transformações urbanas e o modernismo. A insalubridade na contramão teimava em compartilhar o mesmo espaço reservado à pompa da vida moderna, teimava em aparecer, contrariando o projeto oficial das elites dominantes:

Em frente a um novo café, na esquina de um novo bulevar” o bulevar estava “ainda entulhado de detritos” mas o café “já exibia orgulhoso seus infinitos esplendores”. O mais alto desses esplendores era um facho de luz nova [...] os amantes são surpreendidos pelos olhares de outras pessoas. Uma família de pobres vestidas com andrajos [...] e aqueles seis olhos contemplavam fixamente o novo café [...] como isso é belo [...] sua visão entre os dois mundos é sofrida [...]⁵

Conforme citado acima, o espaço moderno também era lugar das contradições, das diferenças, da frieza. Um dos primeiros grandes impactos que o advento da modernidade trouxe não somente à Paris mas às demais cidades como Petersburgo, Nova Iorque, Rio de Janeiro, dentre outras, foi o crescimento acelerado das cidades, sua segmentação em classes sociais e a

⁴ Idem. P. 174

⁵ . Idem. P.179.

proliferação de moradias insalubres. Conforme o arquiteto Herbert Rocha⁶, em Sobral, a segmentação da sociedade se deu em primeiro plano pela divisão geográfica, compreendida entre o rio e a estrada de ferro, onde todos que estivessem fora destas fronteiras, eram considerados pobres habitantes dos arredores da cidade.

Além da divisão geográfica, espaços de convivência eram divididos conforme a cor do indivíduo, poder aquisitivo e grupo familiar:

De frente, estavam as duas alamedas da Praça do São João (onde fica o Teatro do mesmo nome). Era a avenida dos ricos e dos pobres. A dos ricos era a da Ema [...]. Percorrida pelas moças e rapazes ricos e brancos, pertinho da Coluna onde se ouvia a amplificadora da Radio Imperador. Ao lado situava-se a avenida dos pobres. Rapaz de sociedade que ali fosse, geralmente atrás de cunhas [...], era mal visto.⁷

Para melhor compreensão da Modernidade em Sobral, faz-se necessário discorrer sobre outros centros referenciais de modernidade. Como Rio de Janeiro, Paris e São Petersburgo, uma vez que o advento da modernidade trouxe profundos impactos na organização social.

2.1 MODERNIDADE E HIGIENIZAÇÃO NA CAPITAL IMPERIAL

A questão insalubre no Rio de Janeiro estava diretamente ligada à fragilidade do Império Brasileiro, que culminaria com o advento da República, o que nos faz entender que insalubridade e superpovoamento, não eram simplesmente uma causa, mas uma consequência, da fragilidade do sistema político, uma vez que dentro do projeto Republicano entra em cena a idéia de modernização, onde a escravidão era uma prática que não condizia com tal projeto. Conseqüentemente, as transformações urbanas e limpeza do espaço

⁶ROCHA, Herbert. **O Lado Esquerdo do Rio**.- São Paulo: : Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo, Sobral: Escola de Formação em Saúde da família Visconde de Sabugosa, 2003.

⁷ COSTA, Lustosa da. **Sobral que não Esqueço**.Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. 192p. P.30

urbano conforme discussão apresentada na obra de Sidney Chaloub, estão aliadas às mudanças na passagem do Império para a República, e aliança entre setores político-sanitarista e construção civil.

As classes pobres e viciosas, diz um criminalista notável, sempre foram e hão de ser a mais abundante causa de todas as sortes de malfeitores: são elas que se designam mais propriamente sob o título de – classes perigosas –; pois quando o mesmo vício não é acompanhado pelo crime, só o fato de aliar-se à pobreza no mesmo indivíduo constitui justo motivo de terror para a sociedade. O perigo social cresce e torna-se de mais a mais ameaçador, à medida que o pobre deteriora a sua condição pelo vício e, o que é pior, pela ociosidade.⁸

A população negra e os chegados das demais regiões do Brasil e da Europa, tendiam a amontoarem-se em moradias de péssimas condições de higiene, os cortiços, o que vinha a comprometer não somente a saúde dos moradores dos cortiços, mas principalmente oferecer riscos à elite carioca, daí então a justificativa para a denominação de “classes perigosas”, um conceito cunhado para distinguir os sujeitos desviantes da conduta padrão de moralidade e trabalho. Como esclarece Chaloub, tais habitantes tendiam a serem vistos como agentes transmissores diretos de doenças infecciosas que emanavam de seus corpos e do ar carregado dos seus aglomerados sociais.

Inúmeras medidas foram tomadas para barrar o avanço dos cortiços, uma vez que os mesmos eram vistos como proliferadores de doenças. Nesse sentido,

A destruição do cortiço mais famoso do Rio de Janeiro não foi um fato isolado, e sim um evento no processo sistemático de perseguição a esse tipo de moradia, o que vinha se intensificando desde meados da década de 1870, mas que chegaria à histeria com o advento das primeiras administrações republicanas⁹

⁸ CHALOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.21

⁹ BERMAN, op. cit., p. 24, 25.

As habitações 'coletivas', onde se aglomeravam os pobres, em cômodos pequenos, úmidos, sem ar e luz, funcionavam como verdadeiros fermentadores, liberando nuvens de miasmas sobre a cidade.

Com o discurso higienista, a prática de enterrar os corpos nas igrejas, por exemplo, era condenada, uma vez que se concentrava a proliferação de bactérias. O mesmo discurso passou a combater práticas corriqueiras nas cidades do século XIX como os animais mortos que eram atirados às ruas; por todos os lados havia lixo e valas a céu aberto; matadouros, açougues, mercados eram potenciais corruptores do ar; fábricas, hospitais e prisões também eram ausentes da noção de higiene.

Ainda que não tenham conseguido deter a proliferação, fixação e reprodução de pessoas nestes espaços, os higienistas contribuíram para a noção de higiene e regulamentação no crescimento das cidades. Além da criação da Junta Central de Higiene 1850 e que mais tarde tornaria-se Inspetoria Geral de Higiene e dela se separando a Inspetoria Geral de Saúde dos Portos, restringindo seu raio de atuação ao litoral.

Proíbiam a existência de casinhas colocadas nos lugares onde há animais e carroças, só carroceiros sem família poderia residir nas cocheiras [...] finalmente, todos os cortiços deveriam ter um portão de ferro, que se fecharia ao toque de recolher.

.....
Na verdade, os cortiços eram as estalagens antigas, malconservadas e onde as condições de higiene eram precárias [...] nos cortiços as alcovas eram mais quentes, baixas e escuras; não havia separação adequada entre as famílias, sendo a vida "mais promíscua."¹⁰

Entende-se que as descrições firmadas nestas citações tende a ser algo subjetivo, uma vez que a idéia de pobreza é algo relativo para comprovar uma idéia a respeito de algo. Dentre as medidas tomadas, incluía-se também medidas mais severas como a destruição em massa dos cortiços; acreditando-se assim estarem combatendo a imundície e desordem que assolava a beleza

¹⁰ CHALHOUB, op.cit. P.31

e saúde do Rio de Janeiro, e da elite carioca, tentando-se assim reproduzir a civilização europeia nos trópicos.

O mais intrigante é que, não somente o conceito de classes perigosas foi disseminado na mente dos habitantes, mas um sentimento de preconceito racial foi se disseminando, e tomando proporções alarmantes e determinantes no combate às formas de epidemias na corte, uma vez que se tinha não somente a febre amarela, mas surtos de varíola, tuberculose, e sífilis. Porém, a febre amarela em particular, acometia de maneira mais severa os brancos, estrangeiros e recém chegados à corte ou ao Rio de Janeiro. Os negros, escravos ou forros, na maior parte das recorrentes epidemias de febre amarela, reagiam de forma positiva ou não adoeciam de forma fatal como a população branca, estrangeira ou recém-chegada.

As condições de vida nos cortiços não se revelavam mais letais apenas quando da ocorrência de “febres” ou epidemias na Corte, na verdade era a “tísica”, isto é, a tuberculose que ameaçava tornar-se moléstia endêmica no país. [...] o que provava que as condições de saúde pública estavam se deteriorando não era apenas a ocorrência eventual epidemias de febre amarela, varíola, cólera e etc. Mas a mortandade crescente e constante e crescente da tísica.¹¹

Portanto, a febre amarela era um problema que acometia em particular a elite e a população branca. As demais epidemias como a cólera, e tuberculose tendia a acometer os negros, mestiços e demais populações pobres, sendo menos freqüente, mas não nula entre a elite.

2.2 A capital do Império Russo: São Petersburgo

O Historiador Marco Antonio Menezes, apresenta no artigo Narrativas urbanas,¹² a importância do olhar, do observar na cidade moderna. O autor nos

¹¹. Ibid., op. cit. p.32

¹² MENEZES, Marco Antonio de. Narrativas urbanas: Gongól, Poe e Ginsberg: **Caderno de Pesquisas do CDHIS** – n. 36/37

apresenta dentre outros, o escritor Russo Nicolai Gogól¹³, que versa sobre a imagem urbana. Na sua obra, encontramos manifestações referentes à modernidade como anonimato, e deslumbramento. Gogól discorre sobre a tensão e perplexidade da cidade moderna, bem como a mesma sendo o espaço gerador de novos ares. Ele nos apresenta a movimentação da cidade de São Petersburgo, que se dá pelo ritmo das fábricas, das linhas de montagem. Ele também nos apresenta a chegada da modernidade da Rússia a passos lentos, sendo que a partir do surto industrial de 1890 a capital Imperial entrava na imagem sólida da modernização. As transformações que não duravam mais que um dia. Petersburgo, no início do século XIX, tinha o luxo de uma Paris e a arrogância de uma Londres¹⁴. Nesse sentido,

A cidade que está crescendo e abarcando as coisas e homens produz no seu interiorano Gógol visões estranhas e sensações esquisitas, mas não só ele as tinha, o escritor foi capaz de ver isto e soube traduzir [...] a Petersburgo criada pela imaginação de Gógol parece não ser uma cidade real, povoada por bigodes, chapelinhos, botas, mais parece uma cidade de mortos vivos.¹⁵

A partir do trecho citado, podemos entender melhor a dimensão das transformações urbanas iniciadas em algumas cidades da Europa ocidental com o advento da Industrialização, e possivelmente a proliferação do referencial de modernidade por demais regiões no mundo.

Em “Manifesto do Partido Comunista”, Karl Max discorre sobre a ciência, explicando como a mesma vem a ser a base para a solidificação da indústria, onde o sistema tende a tornar o trabalhador um pobre, e assim culminado com a expansão da pobreza e concentração de capital. A tendência é criar condições para que os cidadãos não vivam, e sim sobrevivam através do trabalho servil:

¹³ Gogól era escritor e viveu na Rússia no início do séc. XX.

¹⁴ MENEZES, op. cit. P. 94

¹⁵ Ibid., P.95

A burguesia desenvolveu forças produtivas mais maciças,[...] dominação das forças da natureza, maquinaria, aplicação da química na indústria e agricultura, navegação a vapor, estradas de ferro, telégrafo elétrico, desbravamento de regiões inteiras, adaptação dos leitos dos rios.¹⁶

Porém, esta mesma sociedade que sofre com o advento da modernidade, dos modos de produção, da urbe moderna se sobrepondo ao homem, também vive mergulhada num mar de cafés; vitrines; cabarés; alienação e outros. Este homem vive só, vive o perigo, o medo, a vida urbana, sensações fragmentadas e momentos descontínuos, vive a vaidade e a eloqüência.

A solidão nas metrópoles estar só meio a multidão, é uma experiência ainda original para os homens do século XIX. A multidão não tem rosto apesar da descrição pormenorizada [...] a necessidade de identificar os outros para não se tornar igual, pois é na diferença que se preserva individualidade. O individuo na sociedade [...] está se transformando em coisa, em número e em mais um na multidão.¹⁷

A vida moderna era de certa forma um grande show de novidades em busca de saciar um vazio que emanava da própria demanda, do próprio excesso, e essa vida vem gerar uma espécie de deslumbramento com um sistema de aparições. O homem moderno fascina-se com a imagem, com a aparência, com o belo, com o produto novo de novo.

A vida do homem moderno era dividida em modernidade e modernismo. Conforme antônimo Paulo Resende¹⁸, entende-se o modernismo sendo um fator sociológico e ideológico, é a consciência para si de imagens e projeções, algo que se manifesta há séculos. Enquanto que a modernidade refere-se a um momento de reflexão, diferente do momento de projeções do modernismo e toda a sua pompa.

¹⁶ MARX Karl; ENGELS Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. 1º São Paulo: Expressao Popular, 2008. P.16

¹⁷. MENEZES, op. cit. p.98

¹⁸ REZENDE, Paulo Antonio. A modernidade e o modernismo-significados. Série Historia do Nordeste Recife. **Clio: Revista Brasileira de Pesquisa e História**. Vol. 1 n° 14 7-24-1993

O que se pode concluir de antemão é que homem e urbe moderna encontram-se mergulhados num profundo caldeirão de efervescências. A sede pelo novo, o anonimato, a violência, e a busca incansável por trilhar novos caminhos novos, É uma conseqüência quase imperceptível para estes ditos modernos. Entende-se que essa modernidade é a principal mola propulsora dos grandes acontecimentos.

Em “*A cidade Febril*”, Sidney Chalhoub nos apresenta o processo de fragilidade do Império brasileiro, que culminou com ideais republicanos, e conseqüentemente gerando problemas como o superpovoamento das cidades. Com a abolição da escravidão, e com a idéia de embranquecimento da raça, a proliferação de moradias insalubres; epidemias em massa, aparecem no Brasil como uma conseqüência do sistema político.

3. A MODERNIDADE EM SOBRAL

3.1 A economia do algodão

O impulso da modernidade em sobral no fim do séc. XIX e início do séc. XX está intrinsecamente ligado não somente a toda a gama de transformações e acontecimentos que emergiam na Europa, mas também à sua ambígua e favorável posição geográfica e condições climáticas, o que foi determinante para um período de confusão caracterizado por modernidade, riquezas e secas. Com a consolidação da economia do algodão, o Ceará tornou-se grande fornecedor de produtos derivados do algodão, e oleaginosas.

O algodão arbóreo tem sua área de ocorrência no centro sul do Estado, nos sertões de Senador Pompeu, do Cariri e Salgado [...]

A lavoura do algodão herbáceo mais dependente de umidade, ocorre principalmente [...] na áreas em que o cultivo do arbóreo e do herbáceo se interpenetram como no alto Vale do Jaguaribe, ou no

Vale do Acaraú, os interflúvios são ocupados pela lavoura arbórea e a vazia pelo cultivo do Herbáceo.¹⁹

Percebe-se a partir do trecho citado, que o Ceará possuía a maior parte de suas áreas propícias para o cultivo da cotonicultura, o que por sua vez viabilizava tempo e reduzia custos. Por conta do sucesso na produção, o Ceará passou por um processo de industrialização a partir da injeção de capital internacional, gerando emprego, renda e fixando a população sertaneja à terra, contribuindo assim para a reorganização do espaço cearense. Sendo estes fatores, alguns dos agentes determinantes para cenas fortes como o advento do moderno, superpovoamento, fatalidades e obras geradas a partir das recorrentes secas. A cidade experimentou profundo crescimento demográfico e transformações no seu espaço urbano, conforme é apresentado no *Jornal a Lucta*:²⁰

Estas construcções federaes aqui decretadas attrahíram para as imediações de nossa cidade mais de 10 mil pessoas de todos os pontos do Estado [...] a nossa população assim duplicada, esta sendo alimentada quase que exclusivamente por gêneros importados [...] Por ser Sobral o ponto onde há mais construcções publicas, é por isso mesmo onde a vida esta mais cara²¹.

As secas, a fome e a migração, também eram propulsoras do superpovoamento e desenvolvimento²², de modo que:

O algodão ligado à pecuária encontrou nesse aliado a base de sua fixação e sustentação no sertão nordestino [...] a pecuária tornou-se uma das atividades mais importante para a organização do espaço

¹⁹ SILVA DA, Borzacchiolo José; **História do Ceará**. Fortaleza/ceara 1995 4º edição. coordenação de Simome Sousa. P.86

²⁰ O *Jornal a Lucta* era um veículo destinado a enfrentar a oligarquia conservadora de Sobral, era de propriedade do jornalista Deolindo Barreto, que também era o editor. Teve sua primeira edição no ano de 1º de maio de 1914. Ver mais em: www.revista.agulha.com.br/lcosta01.html.

²¹ BARRETO, Deolindo. A Carestia da Vida. *A Lucta*. 19 de maio de 1920. Arquivado no Núcleo de Estudos e História – NEDHIS do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. .

²² O conceito de desenvolvimento aqui se aplica as obras de *Combate às secas*

cearense, fato relevante para um Estado que tem 93% de sua superfície contida no “Polígono das Secas”.²³

A Consolidação da cotonicultura iniciava um novo período que seria marcado pela instalação de uma das primeiras indústrias do Ceará²⁴ na cidade de Sobral, o que por sua vez, veio a modificar as relações na urbe com o fortalecimento do comércio, a instauração de ícones e espaços considerados importantes como a Cadeia Pública e a geração de empregos assegurados com o projeto de combate às secas. Desta forma, compreende-se que no espaço citado, a indústria e as secas foram agentes ambíguos e transformadores do espaço urbano, por um lado trazendo a fatalidade das secas, e a chegada da indústria ligada à obras públicas, tornando assim o espaço de certa forma deslumbrante.

Entende-se que o deslumbramento com o novo e a opulência eram manifestações que tomavam força, uma vez que a cidade procurava nivelar-se aos demais centros modernos do país, procurava impor-se como referência, como espaço salubre, sadio, o espaço da civilização, uma vez que Sobral era o maior centro urbano do norte cearense, mesmo que as secas compartilhassem o mesmo espaço que os ícones de progresso.²⁵

3.2 A Estrada de Ferro

O algodão impulsionou o transporte ferroviário. Durante o período das secas de 1878 e 1882 foi iniciado o projeto da estrada de ferro de Sobral, com destino de ligar a cidade a um porto mais próximo, o que conseqüentemente veio a ser o de Camocim. Em 1894 a estrada de ferro foi arrendada à Firma

²³ SILVA DA, op. cit. p.83

²⁴ Companhia de Fiação de Tecidos Ernesto e Ribeiro fundada no ano de 1895. Sendo os proprietários respectivamente comerciantes em Aracati e Maranhão. SOARES, Maria Norma Maia; GIRAO, Glória Mon't Alverne. **Sobral História e Vida**. Edições UVA, 1997.

²⁵ SOARES, Maria Norma Maia; GIRAO, Glória Mon't Alverne. **Sobral História e Vida**. Edições UVA, 1997.

Sabóya Albuquerque e C&A, que inaugurou a empresa Carril Sobralense, composta por bonde e telégrafo. A empresa destinou-se a escoar a produção e ao transporte urbano, puxado a burros, jegues e outros.

No transporte de pessoas, a distribuição das linhas dava-se pelas principais vias dentre elas a atual Avenida Dom José. *“A linha de bondes saía da Estação Ferroviária em demanda do Largo do Rosário, passando pelo mercado e chegando á Praça do Teatro São João; posteriormente a linha foi expandida até a cruz das Almas”*²⁶

Mais uma vez um ícone de poder e prosperidade chega à Sobral, a Estrada de Ferro. Durante seu período de instalação, a cidade passava por uma grande crise econômica gerada pela seca, a qual já havia dizimado grande parte da população e rebanhos. A Estrada de ferro veio aliada à Política de Obras Contra as Secas, que conforme o *Arquiteto Campelo da Costa*²⁷, deu início a aqudagem e Inspetoria de Obras Contra a Seca:

A remessa que nos fez o governo da Republica foi de 350 contos assim diseriminados 200 para o açude do Acarape. 80 para o açude de Tucunduba, 60 para o de Russas e 15 para o Horto florestal de Quixadá²⁸

A seca castigava o sertão cearense, e em particular Sobral, que contava com o advento da recém implantada indústria. Porém, podemos concluir a partir da leitura das citações que mesmo com a indústria implantada em Sobral e as obras de combate as secas, as medidas não sanavam os sofrimentos, o

²⁶ ROCHA, op.cit. p.131

²⁷ Atual Secretário de Cultura de Sobral.

²⁸ BARRETO, Deolindo. Assumpto Triste. A Lucta. 7 de julho de 1915.

que nos dá a entender que as medidas não eram algo projetado e sim uma espécie de remédio para um momento de crise.

Dia a mais dia se ascentuam e se alastram cá pelo interior os horrores da fome impiedosa que nos veio com a secca. Os míseros completamente abandonados [...] a devastação dos campos a falta de lenha e palmito [...] so lhe resta o assalto à propriedade particular [...] na prática do roubo, deixam bem claro o desespero de sua situação e patenteiam a sua honestidade, tal a insignificância dos objetos roubados que mal chegam para a necessidade daquele momento²⁹

Além das medidas de Obras contra as Secas iniciadas nos anos 1877 e estendidas à seca do XV, algo que não pode deixar de ser mencionado é o incentivo à emigração dos nordestinos acometidos pelas secas à viajarem para regiões do sul e sudeste. Nesse sentido, “O governo autorizou aos vapores do Loyd Brasileiro a receber em qualquer porto dos Estados flagelados as pessoas que desejarem emigrar para outros estados”³⁰. Noticiava o jornal *A Lucta* no contexto da grandiosa seca de 1915.

4. AS SECAS RECORRENTES

4.1 A insalubridade:

Doenças

A cidade de Sobral que contava com amplos e modernos espaços de convivências como, teatros, clubes e praças, também sofria com a insalubridade gerada não somente pela falta de higienização, mas como as demais cidades pólo de sua época, que passavam por um processo de industrialização e conseqüentemente de modernização. A cidade sofria com o superpovoamento, as secas recorrentes, a ausência de médicos, a falta de

²⁹ *Idem*. A Secca. A Lucta. 7 de julho de 1915

³⁰ *Idem*. Pela Emigração. A Lucta. 11 de agosto de 1915

conhecimento científico e o limitado tratamento aos doentes, uma vez que a população era acometida por surtos recorrentes de pestes como a Gripe Espanhola, tuberculose³¹, sífilis, hanseníase, peste Bubônica e Thypho, dentre outras³². A cidade não contava com espaços para os doentes, sendo estes na maior parte dos casos tratados através do repouso e remédios caseiros.

A preocupação com os casos de doenças na cidade eram registrados regularmente no Jornal Correio da Semana:

Disse-me uma vez o Exmo. Bispo de Sobral (...) teve a paróquia de tomar nota das moléstias que mais dizimam nossa população e com assombro verificou que os adultos mais de 50% morriam tísicos. Isso nas classes pobres.³³

É importante frisar que os surtos de tuberculose na maioria dos casos acometiam a população pobre, uma vez que a proliferação da doença está ligada a moradias insalubres, não sendo regra, mas acometendo de maneira mais voraz a classe referida, pois a contaminação se dava pelas vias aéreas. A sífilis por sua vez, foi uma doença de grande repercussão, sendo a mesma combatida através de campanhas. Porém o tratamento era difícil, não havia medicação específica. Vejamos a forma que o jornal A Lucta denuncia as condições da saúde pública em Sobral:

Vai entrando numa phase de violento declínio nesta cidade, a terrível gripe que há feito mais vítimas na humanidade do que o dantesco

³¹ A TUBERCULOSE em Sobral. Correio da Semana. Sobral, 31 de dezembro de 1920. O Correio da Semana é de propriedade da Cúria Diocesana de Sobral, fundado no dia 31 de março de 1918, estando o mesmo em circulação atualmente.

³² A MORPHEA em Sobral. Correio da Semana. Sobral, 31 de dezembro de 1910

³³ CONSULES. A Tuberculose em Sobral. Correio da Semana. Sobral, 17 de julho de 1920.

incêndio europeu, com todas as suas malinas de infernais destruições.

Infelizmente não se realizaram as nossas tristes previsões [...]. O Sr. Dr. José Jacome de Oliveira [...] estabeleceu um plano de ataque à sua horrorosa propagação além da campanha sustentada contra a hespanhola manteve-se nesta cidade uma larga prophylaxia contra a Syphilis [...] ³⁴

Além das doenças citadas ate aqui, outro fator ambíguo foi o crescimento acelerado da população. Houve grande mudança do campo para a cidade, onde as pessoas buscavam recursos e alistamento nas obras de combate as secas. Neste momento, a cidade experimentou uma profunda explosão demográfica gerada tanto pela migração do campo para a zona urbana, como com a chegada em massa de pessoas das mais diversas localidades da região norte, onde as mesmas buscavam recursos para escaparem das secas. Esse acelerado crescimento populacional somado à falta de noção de higiene impulsionou a expansão de pestes, além de tornar expressiva a quantidade de pessoas mendigando esmolas e empregos.

Não somente no ano de 1915, mas a recorrência das secas fez se presente em anos seguintes. No ano de 1920, era apresentado uma situação de miséria e fome, formavam-se multidões de famintos, que recorriam aos alistamentos no período de secas ou aos apadrinhamentos, encontrando nestes uma forma de escapar:

A ultima hora fomos informados de que os famintos que demoram por traz da Fabrica de Tecidos, devoraram a carne de um burro que morrera (...) ³⁵

.....
 Vejamos a situação dos flagelados neste trecho de uma narração entre um coronel e um flagelado:

_Por que você não procura serviços nestas comissões do governo?

_Já fui em todas, Seu Coronel [...]

_ E no forquilha?

³⁴ BARRETO, Deolindo. A Peste. A Lucta. Sobral. 5 de fevereiro de 1919

³⁵FERNANDES, Leopoldo, Pe.Correio da Semana. Sobral, 26 de julho 1920, p.3.

_ De lá eu vim. Está como sardinha em lata. Os que não encontram serviço estão se acabando de fome e de sede, e si não sahirem de lá como eu fiz, têm de esticar a canella.³⁶

Esta ultima citação que data do inicio dos anos XX, nos mostra que além da disputa pelo serviço, a mortalidade também era gerada por agentes como a fome, sede e doenças. O que vinha a agravar ainda mais a situação.

5. HIGIENIZAÇÃO

5.1 Disciplinarização dos espaços e dos corpos

Se a modernidade em sobral tomou força com o advento dos ciclos econômicos gado-algodão, com fortalecimento e expansão do processo de industrialização, o sentimento de modernidade, de ser e viver o moderno, também tomam forma e espaço. Seja nas novas formas de relações estabelecidas com o a implantação da iluminação pública, seja nos novos espaços destinados ao lazer que por sua vez era composto por praças, cinemas, clubes aristocráticos e missas, dentre outros.

Porém, o avento destes espaços, nos faz compreender que não se tratava somente de ser moderno. E sim da expansão e disciplinarização dos espaços. Em sobral, esta medida tendia a segmentar os espaços de convivência entre os cidadãos conforme a cor do indivíduo, poder aquisitivo e grupo familiar.

A disciplinarização dos espaços ganhou mais força a partir do fortalecimento do controle da igreja sobre a população, que tinha à frente o primeiro Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota³⁷.

A igreja católica exercia rígido controle sobre a sociedade sobralense. Controle que ia da vida sexual á atividade política, da freqüência aos

³⁶ Correio da Semana. Tardança dos Socorros. Sobral. 12 de Janeiro de 1919

³⁷ Dom José assumiu a Diocese de Sobral em 10 de novembro de 1916, e exerceu a função de Bispo até sua morte em 25 de setembro de 1959. Ler: FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral: Opulência e Tradição**. Edições UVA. 2000.

clubes ao comportamento dos assalariados. Quem não obedecesse aos padres, seus decretos proferidos do alto dos púlpitos ou no silêncio dos confessionários ia para o inferno. Antes Disso, porém, sofria pavorosos castigos terrenos. Esta atmosfera de domínio facilitava seu domínio e sua ascendência.³⁸

Além de Dom José estar à frente da Igreja em Sobral, o seu espírito pomposo vem a ser expresso no processo de embelezamento da cidade.

Aluno brilhante no vaticano, ainda como vigário, Dom José empreendia obras que valorizavam a urbe sobralense. Tudo leva a crer que dom José projetou Sobral como um príncipe faria em seus domínios. Localizou prédios de forma estratégica, marcando a presença da Igreja em todos os pontos focais da cidade.³⁹

Dom José de fato, projetou sobral a partir da distribuição dos espaços e presença da igreja . A ele são ligadas inúmeras obras que projetaram sobral como uma cidade moderna. Conforme Nilson⁴⁰, obras como a Santa Casa, o seminário Diocesano, escolas e bancos.

LIMPEZA DO ESPAÇO URBANO: A construção da Santa Casa de Misericórdia

A construção da Santa Casa de Sobral deve ser pensada de duas formas: a primeira consiste no processo de higienização da sociedade sobralense e reorganização do espaço urbano, algo que tomou impulso a partir da ação de combate às doenças. A segunda forma consiste na segmentação da sociedade, e na retirada de circulação da população doente do contato direto com as elites e sua circulação pelos espaços públicos da cidade. Desta forma, a medida consistia em manter os mesmos afastados da cidade numa espécie de leprosário.

³⁸. COSTA, op. cit. p. 85

³⁹ ROCHA, op. cit. P.91

⁴⁰ FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral: "Opulência e Tradição"**. Edições UVA. 2000

A construção da Santa Casa de Misericórdia de Sobral levou um período de treze anos de trabalho. Inaugurada em 24 de maio de 1925⁴¹. Durante a construção da instituição católica, a igreja estava sempre à frente, onde entende-se que sua ação em parceria com as demais elites da sociedade e a população, foram responsáveis pela consolidação da Casa de Misericórdia em Sobral. O objetivo era edificar um espaço dedicado ao tratamento tanto da enfermidade como do espírito a partir do discurso cristão. Esta Casa é filha da caridade. “É o reflexo da miséria de um povo sobre uma alma compadecida do infortúnio deste mesmo povo abandonado a uma sorte ingrata e soffredora.”⁴²

A ação da Santa Casa em Sobral não difere das demais práticas surgidas nas diversas regiões do Brasil. Segue a mesma perspectiva das práticas de Misericórdias em Portugal, onde o objetivo expresso pela irmandade⁴³ era de assistência material e espiritual aos necessitados.⁴⁴ Entende-se assim, que o espaço da Santa Casa era destinado principalmente aos pobres e doentes na cidade de Sobral, e que estes causavam certo incômodo às elites transeuntes nas ruas.

Compreende-se que o envolvimento de agentes como a Igreja e a sociedade na construção de um espaço dedicado ao tratamento de enfermos, vem mais uma vez projetar a cidade no discurso da cidade moderna, salubre, onde o poder e o povo unem-se no combate à insalubridade.

⁴¹ FERNANDES, Leopoldo Pe. Inauguração da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. Correio da Semana. Sobral, 27 de Maio de 1925

⁴² *Idem*. Leproso. Correio da Semana, Sobral, 19 de junho de 1918.

⁴³ A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia foi fundada em 8 de dezembro de 1923, era uma sociedade civil sem fins lucrativos, beneficente, filantrópica e de assistência social. ler em: SOARES, Maria Norma Maia; GIRAIO, Glória Mon't Alverne. **Sobral História e Vida**. Edições UVA, 1997. P.75 à 77.

⁴⁴ RUSSEL-WOOD. A. Jr. **Fidalgos e Filantropos**: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1950/1975. Brasília: EDUnb, 1981. P.67

A arrecadação de renda para a construção da estrutura física deu-se a partir da participação da sociedade em bingos, rifas, quermesses, doações em dinheiro, jóias e bens. Os eventos envolvem não somente Sobral mas cidades circunvizinhas:

Amanhã 11 do corrente, realizar-se-à no Externato d'Assunção um mimoso festival em benefício da santa casa desta cidade⁴⁵

.....

Fará parte do programa da Exposição uma kermesse Colossal com uma grande variedade de diversões. Pois será a festa das moças. Todo o rendimento da kermesse será aplicado em benefício da santa casa de Misericórdia de Sobral que é um momento que honra os sobralenses.⁴⁶

O tratamento dos doentes na Santa Casa iniciou-se a partir do apelo da Igreja à sociedade, onde solicita que a mesma se comova com a situação dos menos favorecidos. Nesta perspectiva de comoção é que se forma a *Liga Feminina Pro - Flagelados*⁴⁷, cujas quais prestavam cuidados e auxílio aos doentes, vejamos mais sobre a ação da Liga Feminina neste trecho retirado do Correio da Semana: “*Gripados, já na convalescença, foram encontrados numa angústia crise de fome, prostados pela delibidade extrema: morriam, assim, como morreram muitos outros, si a mão caridosa da liga feminina não lhes levasse logo socorro*”⁴⁸

Considerações Finais

⁴⁵ *Idem*. Lista de donativos da Misericórdia de Sobral. Correio da Semana. Sobral, 29 de junho de 1918

⁴⁶ *Idem*. A Kermesse. Sobral. Correio da Semana. Sobral, 14 de set. de 1918

⁴⁷ O surgimento de ligas era comum nesse período. Havia também em Fortaleza e diversas cidades e Estados. Como exemplo a Bahia.

⁴⁸ *Idem*. Liga Feminina. Correio da Semana. Sobral, 6 de set. de 1919.

Compreende-se ao fim desta pesquisa, que a modernidade em Sobral tendia a ocultar as suas fragilidades, dando ênfase ao seu lado pomposo e salubre. A cidade aparece não como uma, mas como várias e distintas, que por sua vez formavam um todo segmentado. O moderno chegava, a indústria, espaços de diversão, transformações urbanas e a instauração de ícones de poder também. Porém, nem todos usufruíam dos espaços e condições salubres de sobrevivência.

As secas aparecem como um agente ambíguo, acelerador das enfermidades e propulsor do crescimento, onde se observa um maior período de crescimento demográfico durante a ocorrência das secas, o que conseqüentemente levava a surtos recorrentes de pestes.

Desta forma, a cidade se mantém em movimento com estes agentes e acontecimentos, onde a modernidade se sobrepõe as camadas populares, reduzindo-as a marginalidade. Por sua vez, as camadas renegadas mostram-se resistente aos movimentos modernos e transformações urbanas, mantendo e resignificando suas práticas socioculturais.

FONTES IMPRESSAS

1- Jornal Correio da Semana. Sobral: (1918 – 1926). Disponível na sede do Correio da Semana, localizado na Cúria Diocesana de Sobral, e no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

2- Jornal A Lucta. Sobral: (07 de julho de 1915 – 31 de dezembro de 1920.). Disponível no Núcleo de Documentação Histórica (NEDHIS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAM, Marshal. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

CHALOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Lustosa da. **Sobral que não Esqueço**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. 192p.

FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral: **Opulência e Tradição***. Sobral: UVA, 2000.

MARX Karl; ENGELS Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 1º edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MENEZES, Marco Antonio de. **Narrativas Urbanas**: Gogól, Poe e Ginsberg. Caderno de pesquisa do CDHIS- nº 36/37 – p. 91 – 102- 2007.

MESQUITA, Teobaldo Campos. **Manual de Elaboração e Apresentação de Trabalhos Científicos** – 3º Edição (Revista e Atualizada) Teobaldo Campos Mesquita – Sobral- CE, Edições Universitárias, 2011

RAMINELLI, Ronald, História da PUC. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

REZENDE, Paulo Antonio. A modernidade e o modernismo-significados. Série História do Nordeste Recife. **Clio: Revista Brasileira de Pesquisa e História**. Vol. 1 n° 14 7-24-1993

ROCHA, Herbert. **O Lado Esquerdo do Rio**.- São Paulo: : Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo, Sobral: Escola de Formação em Saúde da família Visconde de Sabugosa, 2003.

RUSSEL-WOOD. A. Jr. **Fidalgos e Filantropos**: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1950/1975. Brasília: EDUnb, 1981.

SOARES, Maria Norma Maia; GIRAO, Glória Mon't Alverne. **Sobral História e Vida**. Edições UVA, 1997

SILVA JUNIOR, Argenor Soares. **“Cidades Sagradas”**: A igreja católica e as transformações urbanas no Ceará (1870-1920). Niterói: Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. (Tese de Doutorado), 2009.

SILVA DA, Borzacchielo José; **História do Ceará**. Fortaleza/ceara 1995 4° edição. Coordenação de Simone Sousa. P.86

SOUSA, Simone de. (Org.) **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

THEOPHILO, Rodolfo. **Varíola e Vacinação no Ceará**: Primeiro milheiro / Rodolpho Theophilo – Ed. Fac – sim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. 244 P. (Coleção Biblioteca Básica Cearense)